

ANÁLISE DO FILME *CLOSE*: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA SOBRE MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS

Analysis of the film Close: A theoretical perspective on contemporary masculinities

Brasil, Eduardo; Mestrando; Universidade do Estado de Santa Catarina, brodrigues.eduardo@gmail.com¹
Novelli, Daniela; PhD; Universidade do Estado de Santa Catarina, daniela.novelli@udesc.br²

Resumo: Este artigo tem como objetivo promover uma reflexão teórica sobre a construção social das masculinidades na infância e suas representações no filme *Close* (2022). Adota-se teorias contemporâneas sobre masculinidades e identidades de gênero na infância. A análise qualitativa e descritiva revela processos de vulnerabilidade e homofobia associados a representações de arquétipos de masculinidade na infância, questionando estereótipos de gênero. Este estudo busca contribuir para o debate sobre as múltiplas formas de ser homem na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Masculinidades; Análise de filme; Gênero e Infância.

Abstract: This article aims to promote a theoretical reflection on the social construction of masculinities in childhood and their representations in the film *Close* (2022). It adopts contemporary theories on masculinities and gender identities in childhood. The qualitative and descriptive analysis reveals processes of vulnerability and homophobia associated with representations of archetypes of masculinity in childhood, questioning gender stereotypes. This study seeks to contribute to the debate on the multiple ways of being a man in contemporary society.

Keywords: Masculinities; Film analysis; Gender and Childhood.

Introdução

No decorrer do Século XXI, pesquisas sobre masculinidades tornaram-se cada vez mais relevantes na área de estudos de Gênero, especialmente no que se refere às questões identitárias e às dinâmicas de poder que moldam as experiências dos homens em diferentes contextos culturais. O cinema, enquanto forma de arte e veículo de comunicação ainda em voga, desempenha um papel fundamental na representação e na construção social das identidades, refletindo e, por vezes, desafiando estereótipos de gênero prevalentes.

Nesse sentido, o longa-metragem belga intitulado *Close* (2022), dirigido por Lukas Dhont, oferece uma rica oportunidade de investigação sob a ótica das teorias contemporâneas sobre masculinidades. A obra explora de maneira sensível e profunda as nuances das relações entre jovens em um contexto marcado por expectativas

¹ Bacharel em Design (2022) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Moda (PPGMODA) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

² Docente no Bacharelado em Moda e no Mestrado Profissional em Design de Vestuário e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutora em Ciências Humanas (UFSC) com estágio doutoral na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS/CAPES/COFECUB 8854/12-2). Pós-doutora pela *Université Paris-Sorbonne IV*, CAPES BEX 6682/14-6 (Brasil).

rígidas sobre o que significa ser “homem”. No meio dessa narrativa, encontram-se as pressões sociais para a conformidade aos padrões de gênero, bem como as complexidades emocionais e psicológicas que acompanham essas pressões.

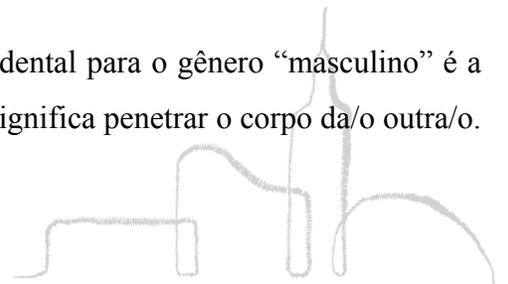
Este artigo tem como objetivo promover uma reflexão sobre a construção social das masculinidades e suas representações no filme *Close* (2022). A perspectiva teórica advinda da pesquisa bibliográfica considera a multiplicidade das masculinidades e os desafios enfrentados pelos personagens ao navegarem pelas expectativas sociais impostas sobre suas identidades de gênero oferecidas, amparada principalmente em Grossi (2004), Welzer-Lang (2001) e Buffon (1992). Metodologicamente, classifica-se a pesquisa como básica, qualitativa e descritiva, com foco na análise de momentos-chave escolhidos por meio de *frames* que melhor evidenciam as representações de masculinidades no filme, levantando discussões sobre homofobia, vulnerabilidade e relações de poder em torno da infância, presentes na narrativa dramática.

A relevância deste estudo reside na contribuição que ele oferece para o debate sobre as masculinidades contemporâneas e suas representações no cinema. Ao destacar essa diversidade e questionar os estereótipos tradicionais, *Close* coloca luz às pressões enfrentadas pelos homens para se adequarem a um padrão de gênero hegemônico. Finalmente, ao explorar essas representações no cinema, este artigo pretende enriquecer a discussão sobre as formas diversas de ser homem na contemporaneidade, reconhecendo tanto os padrões tradicionais quanto as rupturas nas narrativas de gênero. O estudo também abre espaço para futuras pesquisas que possam aprofundar a relação entre cinema, gênero, infância e as experiências masculinas na sociedade contemporânea.

Masculinidades e a construção identitária ocidental de gênero na infância

A infância é um período importante para a formação das identidades de gênero, durante o qual as crianças começam a internalizar normas sociais e culturais sobre o que significa ser menino ou menina (Schemes; Bernhard, 2017). As masculinidades, nesse contexto, são construídas a partir de uma série de expectativas e pressões sociais que orientam o comportamento dos meninos, muitas vezes de maneira rígida e limitadora. A forma como essas expectativas são comunicadas e reforçadas por familiares, instituições educacionais e meios de comunicação tem um impacto profundo na maneira pela qual as crianças percebem a si mesmas e aos outros.

Uma das principais significações de masculinidade na cultura ocidental para o gênero “masculino” é a de que ele é um ser “ativo” - sobretudo sexualmente - o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o.



Mas, para a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, atividade não diz respeito apenas à sexualidade; ela é também percebida positivamente como agressividade. Já na constituição da identidade de gênero na infância, observa-se como o “masculino” se constitui pela hiperatividade dos meninos, que se confunde seguidamente com agressividade (Grossi, 2004).

A ligação entre atividade e agressividade é frequentemente reforçada nas práticas cotidianas, especialmente em ambientes como escolas infantis. Observações feitas em uma escola infantil demonstram que, mesmo em uma faixa etária de 3 meses a 6/7 anos, os meninos são frequentemente percebidos como agressivos (Grossi, 2004). Tal percepção sugere que existe uma crença enraizada de que os meninos são naturalmente hiperativos e, conseqüentemente, mais propensos a comportamentos agressivos, como bater nas meninas. Esse fenômeno parece ser exclusivo dos meninos, uma vez que as meninas não são associadas a esses comportamentos. Notavelmente, essa visão é compartilhada tanto por educadores quanto por pais, que muitas vezes acreditam que a hiperatividade e a agressividade são características inatas do sexo masculino, ao invés de serem comportamentos socialmente esperados e incentivados desde a infância, para que os meninos se conformem aos padrões tradicionais de masculinidade (Grossi, 2004).

Badinter (1993), desenvolve a tese de que a constituição do gênero masculino ocorre universalmente por meio da necessidade de separação dos meninos de sua relação com a mãe, que representa o mundo feminino, concretizados em rituais que visam transmitir os valores da sociedade. Segundo a autora, essa separação é fundamental para que o menino possa se constituir como masculino, distinto do universo feminino, frequentemente associado ao ambiente doméstico. Antropólogos, incluindo Clastres (1990), Héritier (1996) e Balandier (1985), têm se dedicado a estudar e descrever esses rituais de iniciação, demonstrando como a identidade de gênero masculina é construída coletivamente, por meio da violência e da separação dos iniciados do ambiente familiar. Esses estudos revelam uma diferença fundamental entre os rituais de iniciação femininos e masculinos, com os segundos particularmente caracterizados pela violência física e pela inculcação nos meninos da crença de que possuem segredos que não devem ser revelados às mulheres.

O corpo é, portanto, o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de gênero. Clastres (1990) argumenta que a violência corporal nos rituais de iniciação desempenha o papel de igualar todos os membros de uma sociedade; no caso dos meninos, esses rituais demonstram a necessidade de marcar a masculinidade no corpo, um processo que geralmente envolve considerável sofrimento. Por exemplo, em culturas islâmicas e judaicas, a circuncisão é praticada como uma forma de inscrever na genitália masculina a marca cultural, por meio de um corte no pênis. Héritier (1996) interpreta a circuncisão em certas culturas

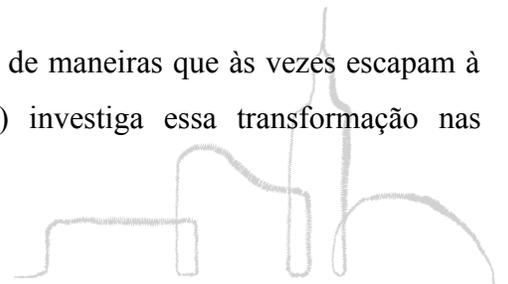
africanas como um ato simbólico de remover a marca do feminino do corpo do menino; para esses grupos, o pedaço de pele retirado durante a circuncisão é visto como um resquício do feminino no corpo masculino.

Ao examinar as sociedades ocidentais, observa-se que também existem numerosos rituais de iniciação masculina que ocorrem por meio da separação do mundo das mulheres. Welzer-Lang (2001) traça uma comparação entre as sociedades tribais e as ocidentais, destacando a violência como um elemento central na constituição da masculinidade. O autor utiliza o conceito de “casa dos homens” nas aldeias tribais, um espaço exclusivo para homens, os quais meninos começam a frequentar à medida que crescem e se tornam essenciais para o aprendizado da masculinidade. Já nas culturas ocidentais, esta casa se manifesta em diversos locais onde a masculinidade é aprendida e reforçada, como os das práticas esportivas, uma vez que o esporte é identificado como um dos lugares centrais para a formação da masculinidade, onde meninos e jovens são socializados em valores e comportamentos associados ao ser masculino (Welzer-Lang, 2001). Por outro lado, a análise de Rial (1998), ao investigar as práticas de *rugby* e judô no Brasil, oferece uma perspectiva diferente, sugerindo que a masculinidade é construída pelo sofrimento corporal, enfatizando que é por meio da violência contra si mesmo que o jovem esportista constroi sua identidade masculina.

O sofrimento físico não apenas fortalece o corpo, mas atua portanto como um rito de passagem essencial para a constituição da masculinidade nas sociedades ocidentais. Nesse sentido, o amor e as emoções no contexto masculino são temas que desafiam as concepções tradicionais de masculinidade, que historicamente têm negado qualquer sensibilidade associada aos homens - e aos meninos, em fase de socialização dos padrões hegemônicos de masculinidade estabelecidos historicamente. A ideia de que “homem não chora” é uma norma cultural profundamente enraizada, que impõe aos meninos e homens o controle estrito de suas emoções.

Mauss (1974), um dos fundadores da antropologia, explorou esse tema em seu texto "A expressão obrigatória do sentimento", publicado nos anos 1930, onde argumenta que expressões de sentimentos como alegria, dor e sofrimento são culturalmente determinadas. Ele sugere que as emoções são moldadas pelo processo de socialização, no qual normas culturais influenciam quando e como as emoções são expressas. No contexto da masculinidade, a repressão das lágrimas é um exemplo claro dessa socialização, que ensina os homens a evitarem chorar, visto que o choro é culturalmente associado à fraqueza e, portanto, ao feminino. Pesquisadores do campo de gênero, especialmente aqueles que se identificam como homens, têm voltado seu interesse para essas questões, reconhecendo que os sentimentos, assim como outros comportamentos humanos, são socialmente construídos e não meramente naturais.

As emoções não podem ser totalmente controladas, pois emergem de maneiras que às vezes escapam à racionalidade imposta pelas normas culturais. Vicent-Buffault (1988) investiga essa transformação nas



percepções sobre o choro masculino, argumentando que até o século XVIII as lágrimas eram uma resposta emocional comum e esperada em homens e mulheres, especialmente em ambientes como o teatro, pois ali o choro era visto como uma resposta apropriada às narrativas dramáticas. Contudo, com a ascensão do romantismo no século XIX, a expressão emocional por meio de lágrimas passou a ser considerada inadequada para os homens, confinando-as ao domínio do feminino (Vicent-Buffault, 1988). Esse deslocamento cultural não apenas restringiu a expressão emocional dos homens, mas também contribuiu para a construção de um modelo de masculinidade que valoriza a rigidez emocional e a negação do sofrimento. A temática da expressão masculina dos sentimentos se perde de alguma forma com o desenvolvimento da sociedade moderna (Vicent-Buffault, 1988), pois os indivíduos do sexo masculino apenas podem chorar em determinadas ocasiões, como a morte de familiares; o filho deve chorar a morte do pai, ou o pai a do filho, porque é uma situação reconhecida socialmente como de extremo sofrimento.

A reflexão contemporânea sobre os sentimentos masculinos revela a emergência de um novo modelo de masculinidade, particularmente presente nas camadas médias urbanas, identificado por Buffon (1992) como o “homem sensível” - alguém que aprecia música, culinária, cinema e não hesita em expressar seus sentimentos. Uma das primeiras pesquisadoras a explorar esse fenômeno, conduziu um estudo com jovens que moravam sozinhos, identificando que a parte crucial da casa desses jovens era o espaço dedicado ao som e ao computador; quanto mais fosse sofisticado o sistema de som, mais os rapazes sentiam orgulho em demonstrar e explicar os detalhes técnicos, revelando a importância da tecnologia em suas vidas. Além disso, esses homens também valorizavam uma prateleira especial, destinada a produtos alimentícios importados, como chás ingleses, azeites de oliva gregos, vinagre balsâmico, massas italianas e temperos exóticos, que simbolizavam seus gostos refinados e habilidades culinárias, motivos de convites frequentes a pessoas para jantares elaborados preparados por eles mesmos (Buffon, 1992).

Ao cozinhar, ato tradicionalmente associado ao feminino, o “homem sensível” reconfigura a masculinidade. E tal reconfiguração observada nas práticas cotidianas reflete uma mudança mais ampla nos modelos de identidade masculina, onde os homens começam a incorporar características tradicionalmente femininas, sem perder seu senso de poder e autovalor. O conceito de novas masculinidades, como abordado por Connell (2005), oferece um quadro teórico fundamental para entender essa transformação. A autora explora a ideia de masculinidades múltiplas, onde a masculinidade não é uma identidade única e estática, mas sim um conjunto de práticas e expectativas sociais que variam de acordo com o contexto histórico, social e cultural. Nesse sentido, a figura do “homem sensível” representa uma masculinidade que se distancia do modelo hegemônico tradicional, que é frequentemente associado à força, invulnerabilidade emocional, e à dominação.

Este novo modelo abraça a sensibilidade, o cuidado, e a expressividade emocional, sem perder a agência e a capacidade de exercer poder.

Connell e Messerschmidt (2005) argumentam que, apesar da emergência de novos modelos de masculinidade, o modelo hegemônico ainda exerce uma forte influência sobre os homens, muitas vezes marginalizando ou reprimindo aquelas masculinidades que não se alinham com os ideais dominantes. Assim, o “homem sensível” pode ser visto tanto como um avanço na inclusão de características femininas na masculinidade quanto como um fenômeno que ainda está em constante negociação com as normas tradicionais. Em *Close*, essa negociação é visível nas interações dos personagens, onde a sensibilidade e a intimidade são simultaneamente fontes de conexão e de conflito, refletindo as complexidades das masculinidades contemporâneas e as pressões sociais que as moldam.

Discussão e Resultados

Discute-se neste tópico como o filme *Close* retrata a construção das identidades masculinas e os desafios enfrentados pelos personagens diante de expectativas sociais e estereótipos de gênero. O filme gira em torno da profunda amizade entre dois meninos, Léo e Rémi. Eles compartilham uma conexão afetuosa, passando a maior parte do tempo juntos e mantendo um vínculo que transcende as amizades convencionais. No entanto, quando começam um novo ano escolar, a proximidade deles começa a chamar a atenção dos colegas de classe, que passam a questionar e insinuar sobre a natureza da amizade entre os dois. Diante dessas pressões sociais e da necessidade de se conformar às expectativas de uma masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2005), Léo se afasta de Rémi, tentando se adequar às normas sociais e evitar questionamentos sobre sua identidade. Essa ruptura traz consequências emocionais devastadoras, especialmente para Rémi, que não compreende a mudança repentina na dinâmica entre eles.

A primeira percepção, no exercício de interpretação do filme à luz da teoria, é sobre o conceito do "homem sensível" apresentado por Buffon (1992), especialmente na maneira como os personagens principais, Léo e Rémi, navegam suas emoções e relacionamentos. Buffon descreve o "homem sensível" como alguém que, embora inserido em uma sociedade que tradicionalmente valoriza a dureza e a racionalidade como marcas da masculinidade, não teme expressar sentimentos (Figura 1), apreciar a arte e se envolver em atividades que são culturalmente associadas ao feminino, apreciar música ou chorar.

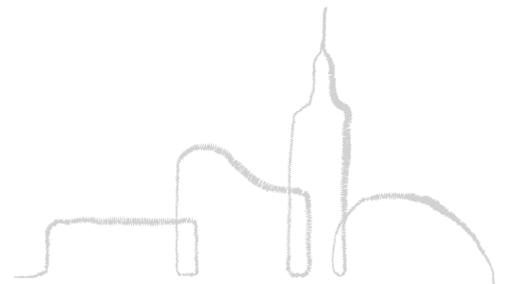


Figura 1: Cena retratando sentimento de tristeza de um dos personagens no filme *Close* (27m43s)



Fonte: CLOSE, 2022

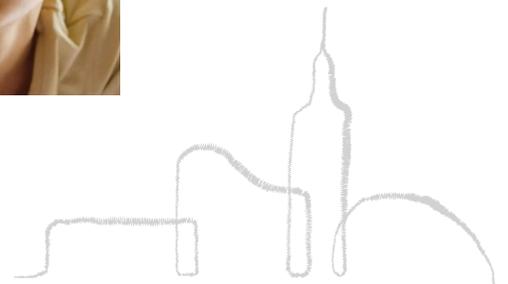
No filme, os dois personagens exemplificam essa sensibilidade masculina por meio de sua profunda amizade, marcada por uma expressão livre e espontânea de afeto e intimidade emocional. Nota-se que a construção identitária da masculinidade é apresentada de forma sensível e detalhada, espelhando complexas interações entre os jovens personagens à medida em que eles navegam pelas normas de masculinidade impostas pela sociedade.

A amizade entre os protagonistas (Figura 2) se mostra central para a narrativa e, ao mesmo tempo, revela como as relações íntimas na infância podem ser impactadas pelas expectativas de conformidade a papéis de gênero. A pressão para adotar comportamentos considerados "masculinos" (Rial, 1998)— como a repressão de emoções, a demonstração de força e a evitação de proximidade física com outros meninos — é evidenciada em diversas cenas, nas quais a vulnerabilidade e a sensibilidade são vistas como fraquezas a serem superadas.

Figura 2: Cena retratando momento de proximidade entre os personagens Léo e Rémi no filme *Close* (04m37s)



Fonte: CLOSE, 2022.



À medida em que a narrativa se desenrola, a pressão social para que eles se conformem aos papéis masculinos tradicionais começa a interferir nessa dinâmica, especialmente para Léo, que tenta se ajustar às expectativas de masculinidade imposta por seus colegas. A obra destaca como a internalização dessas normas de gênero pode levar a conflitos internos e externos, especialmente quando os comportamentos de uma criança não se alinham perfeitamente com as expectativas sociais. Essa tensão entre o desejo de se encaixar e a necessidade de expressar uma identidade autêntica pode gerar um profundo impacto emocional, como mostrado pela crescente distância emocional entre os protagonistas ao longo do filme.

A partir disso, *Close* oferece uma crítica ao modelo tradicional de masculinidade, que frequentemente sufoca a plena expressão da identidade na infância. A abordagem teórica de Connell e Messerschmidt (2005) sobre masculinidade hegemônica é especialmente relevante para entender esses processos, pois enfatiza como certos tipos de masculinidade são promovidos como normativos e superiores, enquanto outras formas de expressão da masculinidade são marginalizadas ou desvalorizadas.

No contexto da infância, essas normas começam a ser estabelecidas de maneira explícita e implícita, moldando as identidades dos meninos de forma a terem consequências duradouras. O conflito interno de Léo reflete a tensão entre ser um "homem sensível", que valoriza e expressa emoções, e a necessidade de se adequar a um modelo de masculinidade mais rígido e convencional. O filme parece explorar como essas expectativas sociais impactam a forma pela qual os personagens lidam com suas emoções, levando eventualmente a consequências trágicas. *Close* apresenta um retrato profundo e doloroso de como a imposição de normas de gênero pode reprimir a sensibilidade natural e a expressão emocional dos meninos, mostrando a importância de se repensar esses modelos tradicionais de masculinidade.

A participação do personagem Léo no time de hóquei pode ser interpretada à luz das discussões sobre a construção da masculinidade por meio de rituais de iniciação, como descrito por Welzer-Lang (2001). Assim como nas "casas dos homens" das sociedades tribais, o time de hóquei representa um ambiente onde Léo é socializado em valores e comportamentos associados ao ser masculino (Figura 3). E este "masculino" se confunde com agressividade, como aponta Grossi (2004), constituindo desta forma a identidade de gênero possível na infância do menino.

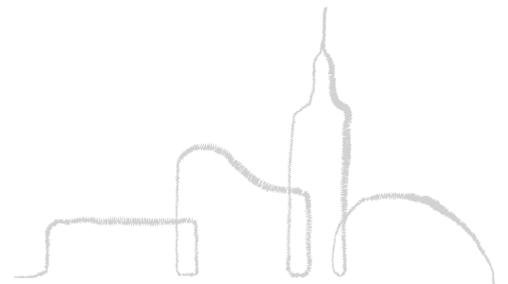


Figura 3: Cena retratando momento de agressividade sofrida por Léo no filme *Close* (39m11s)



Fonte: CLOSE, 2022.

No contexto do esporte, especialmente em atividades fisicamente exigentes como o hóquei, a masculinidade de Léo é moldada pelo envolvimento em práticas que valorizam a força, a competitividade e a resistência. No filme, a pressão física e emocional enfrentada por Léo no time de hóquei não apenas fortalece seu corpo, mas também atua como um rito de passagem para a constituição de sua masculinidade. O sofrimento físico e a necessidade de se provar constantemente no esporte reforçam os ideais de masculinidade que Léo tenta internalizar, mesmo quando esses ideais entram em conflito com suas próprias emoções e identidade.

Um dos aspectos mais marcantes do filme é a forma como ele aborda a homofobia (Figura 4), tanto implícita quanto explícita, e o impacto dessas atitudes sobre os personagens. A obra não apenas expõe a pressão para se conformar a normas de gênero tradicionais, mas também explora as consequências emocionais e psicológicas dessa conformidade. As interações entre os personagens principais sugerem uma intimidade que desafia as normas heteronormativas, o que acaba gerando conflito interno e social, evidenciando as dificuldades enfrentadas por aqueles que não se encaixam nos moldes tradicionais de masculinidade.

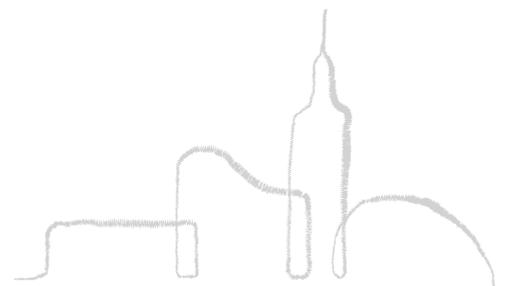


Figura 4: Cena retratando olhares de julgamento dos colegas de classe de um dos personagens no filme *Close* (11m59s)



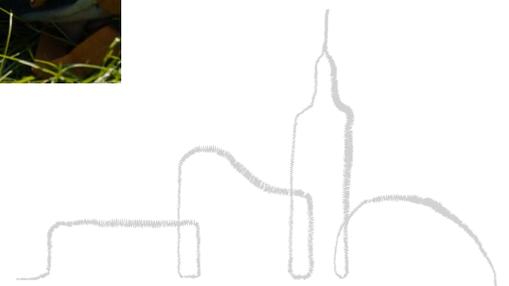
Fonte: CLOSE, 2022.

Vemos na cena que um dos personagens, Léo, é observado por seus colegas de classe com olhar de julgamento. Este momento no filme reflete uma dinâmica social muito comum na infância, onde comportamentos que não se alinham às normas de gênero hegemônicas são rapidamente julgados pelos outros. De acordo com a teoria da masculinidade hegemônica de Connell e Messerschmidt (2005), existe uma expectativa social de que os meninos conformem-se a um ideal de masculinidade que valoriza a força, a assertividade, e a independência. A cena exemplifica como as crianças internalizam essas normas e as aplicam nos seus ambientes sociais, como a escola, e os olhares de julgamento representam uma forma de policiar comportamentos que são percebidos como "femininos" ou não adequados ao que se espera de um menino. Essa vigilância social pode gerar um sentimento de vergonha e exclusão, levando Léo a reconsiderar a forma como expressa seus afetos (Figura 5).

Figura 5: Cena retratando o incômodo de um dos personagens diante da demonstração pública de afeto no filme *Close* (16m03s)



Fonte: CLOSE, 2022.



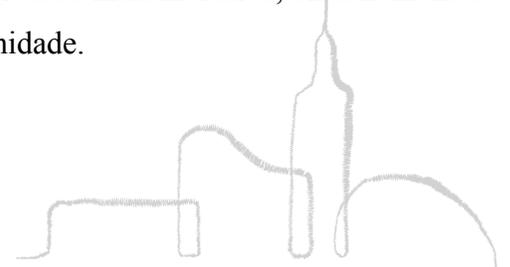
A cena destaca o desconforto de Léo ao estar próximo de Rémi em um momento de afeto público. Este desconforto pode ser compreendido à partir das pressões sociais para conformidade às normas de masculinidade, que frequentemente desvalorizam ou estigmatizam expressões de intimidade entre meninos. Grossi (2004) argumenta que a homofobia desempenha um papel central na manutenção dessas normas, agindo como um mecanismo de controle social que reforça as fronteiras entre comportamentos "aceitáveis" e "inaceitáveis". A homofobia não se limita ao medo ou aversão a pessoas homossexuais, mas também ao medo de ser associado a comportamentos percebidos como "femininos" ou "homossexuais". No caso de Léo, o incômodo que ele sente ao demonstrar afeto por Rémi em público reflete uma internalização dessas normas homofóbicas, que restringem a expressão emocional dos meninos e reforçam a masculinidade como um constructo rígido e limitador.

Assim, a construção identitária da masculinidade na infância apresentada em *Close* reflete não apenas as dinâmicas de gênero em uma fase formativa da vida, mas também a complexidade das interações sociais que influenciam a autopercepção e as relações interpessoais. Ao explorar essas temáticas, o filme contribui para uma discussão mais ampla sobre a necessidade de repensar as normas de masculinidade que são transmitidas às crianças, promovendo uma sociedade em que a diversidade de expressões de gênero seja aceita desde a infância.

Ressalta-se que uma limitação da análise trazida reside na superficialidade com a qual o filme aborda as experiências dos personagens, o que pode não capturar toda a complexidade das masculinidades na sociedade atual. Além disso, o estudo não incorpora as percepções dos próprios protagonistas sobre suas identidades masculinas, o que poderia enriquecer a compreensão das representações apresentadas. Essas limitações apontam para a necessidade de futuras pesquisas que aprofundem o olhar sobre as experiências subjetivas dos personagens.

Considerações Finais

A análise do filme *Close* sob a perspectiva teórica das masculinidades contemporâneas contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero na sociedade atual a partir de cenas emblemáticas. Ao destacar a diversidade de masculinidades e questionar os estereótipos tradicionais, o filme oferece uma reflexão sobre as pressões enfrentadas pelos homens para se conformar a determinados padrões de gênero. Essa compreensão tem implicações significativas para a promoção de uma sociedade mais inclusiva, onde homens e garotos não se sintam limitados pelas expectativas tradicionais de masculinidade.

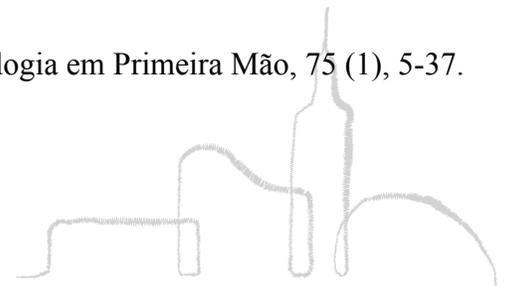


Ao pensar nas relações de gênero e no processo de constituição de identidade masculina, torna-se inevitável abordar a temática de uma masculinidade hegemônica. É possível notar que a questão é mais complexa, pois há múltiplos modelos de masculinidade: homens honrados, homens sensíveis, etc. Algumas destas “novas” masculinidades se afastam do modelo tradicional de força que definia o homem. Nestes novos modelos seriam valorizadas a inteligência e a sensibilidade. Alguns se perguntam: os “novos” homens seriam menos machistas? A resposta também é complexa, pois exige aprofundar a contextualização das diferentes relações sociais nas quais as identidades de gênero são produzidas.

Por meio deste estudo, busca-se enriquecer o debate sobre as múltiplas formas de ser homem na contemporaneidade, reconhecendo tanto os padrões tradicionais quanto as rupturas nas representações de masculinidade. Com isso, espera-se contribuir para uma visão mais ampla e complexa das identidades masculinas, promovendo uma maior compreensão das experiências e desafios enfrentados pelos homens na sociedade atual.

Referências

- BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 314p.
- BALANDIER, Georges. **Anthropologiques**. Paris: Librairie Générale Française, 1985. 317p.
- BUFFON, Roseli. **Encontrando o “homem sensível”? Reconstruções da imagem masculina em grupo de camadas médias intelectualizadas**. Florianópolis: 1992. 246f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
- BUFFON, Roseli. Encontrando uma tribo masculina de camadas médias. In: GROSSI, Miriam Pillar (org) **Trabalho de Campo e Subjetividade**, n. 1. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1992. p. 53-70.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Hegemonic Masculinity. **Gender & Society**, [S.L.], v. 19, n. 6, p. 829-859, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>. Acesso em: 30 maio 2024.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. 152p
- CLOSE**. Direção: Lukas Dhont. Bélgica: Menuet, 2022. 105 min. Filme.
- GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades**: Uma Revisão Teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, 75 (1), 5-37. Florianópolis: UFSC, 2004.



GROSSI, Miriam Pillar e BRAZÃO, Analba Teixeira (orgs) **Histórias para contar**: retrato da violência física e sexual contra o sexo feminino na cidade de Natal. Natal: Casa Renascer; Florianópolis: NIGS, 2000. 150p

HÉRITIER, Françoise. **Masculin/Féminin: la pensée de la différence**. Paris: Odile Jacob, 1996. 332p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU; Editora da USP, 1974.

RIAL, Carmen Silvia. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs) **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 1998.

SCHEMES, C.; BERNHARD, J. C. V. Os papéis sociais da infância e suas influências na moda por meio da revista Vogue Bambini. **dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 10, n. 22, p. 42–61, 2017. DOI: 10.26563/dobras.v10i22.634. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/634>. Acesso em: 27 ago. 2024.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*, v. 2, n. 16. Porto Alegre, 1990. p. 0522.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **História das Lágrimas**: séculos XVIII – XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 314p.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Revista de Estudos Feministas**, vol. 9, n. 2. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2001. p. 460482.

